

A GRAMÁTICA ESPECULATIVA: TOMÁS DE ERFURT

Marilúze Ferreira de Andrade e Silva
Departamento das Filosofias e Métodos - FUNREI/MG



Introdução

Tomás de Erfurt¹ é um filósofo pouco conhecido, mas os Códices lhe atribuem a *Gramática Especulativa*. Tomás viveu em Erfurt antes de 1350. Era reitor e maestro em artes e dirigia uma escola de gramática e lógica. Havia dúvidas sobre a verdadeira autoria da *Gramática Especulativa* mas o filósofo e historiador Martin Grabmann, segundo Luiz Farré, esclareceu esse fato. A prova mais forte da sua autoria está no Códice Q.281 da Biblioteca de Munich que contém dois tratados de *modis significandi*. O primeiro atribui-se a Pedro de Dacia e o segundo a Tomás de Erfurt. Esse Códice foi escrito no ano de 1350. Na mesma Biblioteca encontram-se outros dois Códices da mesma Gramática com o nome de Tomás de Erfurt.

A *Gramática Especulativa* foi escrita na época em que a escolástica se posicionava contra a tendência da metafísica negligenciar o sensível e o real. Essa reação provinha dos nominalistas. Eles, discutindo o problema dos universais, defendiam a tese de não se negligenciar as observações diretas dos sentidos o que

acarretaria conseqüências desfavoráveis para o conhecimento intelectual. Os nominalistas não negavam a fé mas, para eles, a filosofia não era a serva da teologia. Vê a filosofia como um conhecimento não subordinado ao conhecimento teológico foi uma das conquistas do nominalismo para a filosofia. A *Gramática especulativa*, portanto, responde às tendências filosóficas do auge do nominalismo.

Para Erfurt, segundo Luiz Farré (p.13), “a gramática é a arte que expressa uma aspiração dos objetos, racionalmente”. Segundo essa Gramática, “o substantivo, adjetivo, verbo, advérbio não são palavras mais ou menos adequadas para compreendermos: elas indicam uma determinada aparência dos objetos, enquanto a linguagem é uma estrutura perfeita que organiza as categorias gramaticais para a compreensão entre os seres humanos” (p.13). Por isso se entende porque, segundo Erfurt, toda Gramática se reduz a “modos de significar”. É, portanto, sobre os modos de significar dos nomes e do verbo que a *Gramática Especulativa* trata, Neste trabalho, apesar de Erfurt tratar de todas as categorias gramaticais, trataremos tão-somente dos modos de significar dos nomes-substantivos e nomes-adjetivos.

¹ Sirvo-me, para este comentário, da edição de 1947, Buenos Aires: Editorial Losada. Tradução para o espanhol e “Estudo preliminar” de Luis Farré.

O método usado para a investigação dessa Gramática é o especulativo uma vez que Erfurt está preocupado com a Ciência gramatical e não com o modo de operar as regras gramaticais. Ele busca os primeiros princípios dos "modos de significar" (p.38) através de definições e divisões das categorias gramaticais, de forma didática para fins acadêmicos.

1. A divisão e a descrição do modo de significar

O modo de significar recebe um tratamento morfológico e semântico, mas não deixa também de receber um tratamento sintático à medida que Erfurt está preocupado com a estrutura da sentença para justificar a matéria e a forma dos nomes nas duas partes da oração.

Erfurt divide os modos de significar em ativo e passivo. Essa divisão diz respeito à propriedade da voz e ao modo de entender o objeto. Para Erfurt, o modo ativo é uma propriedade da voz à medida que a voz significa uma propriedade do objeto e o modo passivo é o significado do objeto como é significado pela voz.

O que nós entendemos, dessa colocação de Erfurt, é que o modo ativo seria o significante do nome e o modo passivo significado, isto é, o próprio objeto nomeado. Erfurt não desenvolve essa teoria mas deixa explícito, em sua Gramática, que o significante e o significado são modos diferentes de se referir ao mesmo objeto: um modo pela voz que pronuncia o nome do objeto (o significante ou camada sonora do nome do objeto) e outro pelo entendimento

do objeto (o significado do nome ou o próprio objeto).

A qualidade de significar, que se denomina significação e se converte em significante, é a qualidade de consignificar ativo que se denomina "modo de significar ativo" que é a relação da voz com o objeto. O modo de significar ativo procede de alguma propriedade do objeto ou de um modo de ser do objeto. Como o modo de significar é ativo e passivo, o modo de entender também é ativo e passivo. O modo de entender ativo, segundo Erfurt "é a qualidade de conceber pela qual o entendimento significa, concebe ou apreende as propriedades dos objetos. O modo passivo de entender é a propriedade do objeto, enquanto é apreendida pelo entendimento" (p.43). Notamos, nessa afirmação de Erfurt, que o nome não é o objeto mas ele nomeia o objeto a partir do entendimento, da apreensão e da concepção que se tem das propriedades do objeto. São desses elementos que decorrem os modos de significar do objeto

O modo de significar ativo é tomado do modo passivo de entender. Esses modos, por sua vez, são tomados dos modos de ser quando os modos de ser são apreendidos pelo entendimento. Essa relação, segundo Erfurt, é a que existe entre a Metafísica, que estuda os modos de ser; a Lógica que estuda os modos de conceber e a Gramática que estuda os modos de significar.

2. Modo de ser, modo passivo de entender, modo ativo de significar

Esses modos se distinguem formalmente porque o modo de ser é uma propriedade do objeto. Na expressão, por exemplo, "leite branco", "branco" é uma propriedade do objeto leite e, em sendo uma propriedade, o modo de ser do leite é "ser branco". O modo passivo de entender assim o é enquanto o objeto é apreendido pelo entendimento e o modo ativo de significar é a propriedade do objeto enquanto essa propriedade é expressa pela voz. Assim entendemos que o nome, segundo Erfurt, enquanto ser e enquanto ente, é uma apreensão determinada, isto é, quando se apreende o objeto homem, apreende-se o ente (o corpo físico que ocupa lugar no espaço) e apreende-se também o ser que são as suas características: o homem como ser político, social, econômico, religioso. Assim, o nome "homem" que designa o objeto homem, no ato da simples apreensão já está implícito o modo de significar o objeto. Isto nos leva a compreender porque, em uma oração, comparando o nome-sujeito com as outras partes da oração, o nome-sujeito, enquanto ente, tem matéria (substância) e uma forma (um ser) que o distingue das outras partes da oração. Nesse caso, para que um nome exerça a função de sujeito gramatical terá necessariamente que se revestir de uma substância que lhe dê consistência de um ente ainda que esse nome seja um ente de razão. Por exemplo: a palavra "que" é uma conjunção. Dizemos que ela é um ente de razão porque não há nada no mundo dos objetos empíricos nomeados pela palavra "que", entretanto, não poderia ser apreendida, a não ser como um ente de razão. Quando, entre-

tanto, dizemos, na sentença "o que é uma conjunção" ele ganha um substrato para poder ocupar o lugar do sujeito gramatical. Assim, do ponto de vista da forma, ele não é mais uma conjunção mas um substantivo e do ponto de vista da matéria ele é um ente que tem um modo de ser e de significar determinado para a sua função de lugar

Nos objetos encontramos algumas propriedades comuns ou modos de ser comum, isto é, o que é comum a todo ente e a todo existir. O modo do ente é inerente ao objeto que tem ser. O modo de existir é o modo inerente ao objeto, por se realizar. Isso significa dizer que todo objeto é um ente que tem um ser que lhe dá uma forma. Através dessa forma o objeto existe atualmente

Segundo Erfurt, os gramáticos antigos diziam que o nome significa uma substância com qualidade. O modo da substância é o modo do ente tomado pela propriedade do objeto ou tomado da propriedade habitual e permanente que se encontra na substância. Erfurt admite que o nome seja apreendido com uma qualidade determinada, sendo, pois, uma parte da oração que significa enquanto ente ou enquanto apreensão determinada. Com isso compreendemos que qualquer palavra poderá ocupar o lugar do sujeito gramatical, desde que ela preencha a exigência de ter as características de um substantivo.

3. Modos de significar gerais dos nomes

Erfurt apresenta dois modos de significar dos nomes: 1. o modo que

se toma da propriedade comum do objeto. Esse modo constitui o nome comum e apelativo que é um modo comunicável a vários objetos como: cidade, rio etc. A essa propriedade os lógicos chamam de "intenção universal" e 2. o modo de significar que se toma do objeto enquanto objeto indivisível que os lógicos chamam de "intenção da individuação", e constituem o nome próprio. Existem, entretanto, outros modos subalternos menos gerais que são os modos que permanecem por si mesmo. Esses modos são tomados da propriedade do objeto enquanto essência determinada. O modo de significar geral do nome é tomado da essência absoluta e o modo de significar permanente é tomado da propriedade da mesma essência determinada. Esse modo constitui o nome substantivo que tanto pode ser um substantivo comum como um substantivo próprio. Portanto, o nome tem um ente que é o substantivo e um ser que é a sua propriedade. Segundo Erfurt, "o nome substantivo significa um modo determinado segundo a essência, como brancura, pedra etc." (p. 55).

Erfurt cita também o modo adjacente ao nome o qual é tomado da propriedade do mesmo ser inerente a outro. Esse modo constitui o nome adjetivo. O nome adjetivo significa pois, um modo adjacente a outro nome, segundo o ser como "branco" é um modo adjacente a homem quando dizemos "homem branco".

Erfurt apresenta vinte e quatro modos especiais do adjacente. São eles:

1. Adjetivo denominativo. "O

nome adjetivo denominativo significa o que está no outro ou o denomina simples a absolutamente" (p.58) como branco, negro, azul.

2. Adjetivo genérico. Significa denominando outro nome sob a qualidade do que se comunica a muitos objetos diferentes em espécie.(p.58).

3. Adjetivo específico. Significa que ele denomina outros objetos com uma qualidade comunicável a muitos objetos diferentes somente em número como "humano" que é uma qualidade atribuível a todo ser da espécie humana. A palavra "branco" não é um adjetivo específico porque pode ser adjetivo atribuível a qualquer espécie, enquanto a palavra "humano" é específica porque só pode ser atribuível a uma única espécie.

4. Adjetivo possessivo. É o que significa denominando outro sob o aspecto da posse, como "áureo": tudo aquilo que possui a qualidade do ouro.

5. Adjetivo diminutivo. Tem significado denominando o aspecto de diminuição como "párvulo".

6. Adjetivo coletivo. Significa denominando sob o aspecto da reunião de muitos segundo o lugar como "urbano", "familiar", "popular".

7. **Adjetivo divisivo.** Significa denominando sob o aspecto da divisão em parte como "o todo" e "a parte".
 8. **Adjetivo racial.** Significa denominando sob o aspecto da raça ou nação: "grego", "italiano", "bárbaro".
 9. **Adjetivo pátrio.** Deriva-se de nomes próprios das cidades ou dos povos como "parisiense", "paduano".
 10. **Adjetivos interrogativos.** Significa por denominar outro objeto por razão de pergunta a cerca de. Quem, qual, quanto.
 11. **Adjetivos responsivos.** Assim significam por razão de responder acerca de. Tantos, tal, tanto.
 12. **Adjetivos indefinidos.** É o que significa por denominar outro objeto por razão da indefinição ou indeterminação. Exemplo: qualquer.
 13. **Adjetivo negativo.** Denomina negando.
 14. **Adjetivo demonstrativo.**
 15. **Adjetivo relativo.** Denomina outro que ocupa o primeiro lugar no conhecimento, mas referindo-se a um segundo lugar. Quem, qual, quanto.
 16. **Adjetivo comparativo.** Exemplo: mais branco que, mais preto que.
 17. **Adjetivo superlativo.** Branquíssimo.
 18. **Adjetivo de relação.** Refere-se aos termos: pai, filho, igual, semelhante.
 19. **Adjetivo verbal.** Deriva-se de um verbo. Amável, amando.
 20. **Adjetivo temporal.** Diurno, noturno
 21. **Adjetivo local.** Denomina em relação ao lugar. Próximo
 22. **Adjetivo numeral.** Um, dois.
 23. **Adjetivo ordinal.** primeiro, segundo.
 24. **Adjetivo positivo.** Significa agregando-se a outro ou denominando simplesmente como branco, negro. Assim nós temos a classificação dos nomes substantivo-comum e substantivo-próprio e dos nomes-adjetivos. Vejamos, a seguir, os modos dos nomes próprios.
- 4. Modos dos nomes próprios**
- Quanto aos nomes próprios Erfurt apresenta quatro modos:
- A denominação própria** que se toma da forma absoluta da individualização. Sócrates e Platão, por exemplo, têm uma individualização própria absoluta porque não há nenhum outro nome aderente a eles. Os
- Prenomes** como Marco e Túlio, os

Cognomes tomados de parentescos, como Rômulos denominados da família de Rômulo indicando consanguineidade. E o

Sobrenome que se impõe a alguém como a causa de um acontecimento. Africano porque triunfou na África.

Quanto ao gênero, os nomes possuem três: masculino, feminino e comum. O masculino é um modo de dar significado ao objeto como agente, por exemplo: varão, lápis; enquanto o feminino é um modo de dar significado ao objeto como paciente: mulher, roca. A roca é paciente porque é feita de muitas pedras, nesse caso, a pedra é agente e a roca é paciente. O gênero comum é o modo de dar significado ao objeto sob os dois aspectos determinada-mente, como virgem que tanto pode ser adjacente ao termo “homem” como ao termo “mulher”. Vemos com essa classificação de nomes que Erfurt leva em conta o gênero do objeto que o nome apreende, isto é, o que é do gênero masculino ou feminino é o objeto ou o nome enquanto modo de significar o objeto, não o nome em si mesmo. Assim o objeto é o significado do nome e o nome pronunciado é o significante do objeto. Justifica-se, assim, a expressão repetida de Erfurt “modo de significar do objeto enquanto termo ...”

5. O caso Gramatical do nome

O caso gramatical do nome, Erfurt o divide em

Nominativo (sujeito da oração) é o modo de significar juntando-se a

propriedade ao objeto. Por exemplo: *Sócrates ama*. O nominativo *Sócrates* se refere ao ato de amar enquanto amar é uma propriedade de Sócrates: o nominativo, para Erfurt, é uma propriedade que é algo em si como princípio ativo de um verbo. Mas quando se diz *Sócrates é amado*, *Sócrates* é nominativo enquanto nome-sujeito gramatical, mas significa uma propriedade passiva porque junta-se à propriedade “quem é amado”.

Genitivo (adjunto adnominal) origina-se do nominativo. Exemplo: *é filho de Sócrates*, o genitivo *de Sócrates* significa o objeto enquanto termo, com relação ao nome *filho*.

Dativo (objeto indireto) para Erfurt também é um modo de significar como quando se diz: *aconteceu a Sócrates*. Nessa proposição o dativo é *a Sócrates* que se junta à propriedade “a quem”.

Acusativo (objeto direto). na sentença: *amo a Deus*, o acusativo, *a Deus* significa, enquanto termo, o ato da dependência do verbo *amo* juntando-se à propriedade *a quem*. “Ama a quem”.

Vocativo (apelo) para Erfurt é um modo de significar o objeto enquanto termo dependente de um ato exercido ou exercitado, não agregando nenhuma diferença às anteditas propriedades. como ao se dizer: Oh Henrique. este vocativo se refere ao tema como termo somente enquanto depende daquele ato exercido ou exercitado. Finalmente, o

Ablativo (adjunto adverbial) que para

Erfurt é um modo de significar o objeto juntando a propriedade "de que", "por quem". Por exemplo, quando se diz: *É lido por Sócrates* este ablativo significa, juntando a propriedade *por quem*, isto é, "lido por quem".

Considerações gerais

Pelo exposto podemos perceber que a Gramática Especulativa é fundamentalmente morfológica e semântica e sintática, mas a preocupação com a sintaxe está presente quando Erfurt trata a questão da relação das duas partes da oração sendo a primeira constituída pelo que ele chama "nome" e a segunda pelo que ele chama "verbo". Não é uma Gramática que se propõe expor um conjunto de regras operacionais mas um conjunto de definições e divisões com o objetivo de orientar o bom uso da língua a partir dos princípios racionais que a constitui. Entretanto, apesar da gramática ser especulativa, ela põe em uso os resultados da sua especulação. Com isso ela cumpre um dos objetivos do nominalismo que é o de valorizar o sensível sem excluir o intelecto.

O modo de significar essencial e accidental do verbo

O modo geral de significar essencial do verbo indica o objeto por seu ser e distância da substância. Erfurt admite que o verbo pode significar pela ação e pelo hábito isto porque o modo ativo de significar pelo *ser* (*esse*) se origina do objeto como uma propriedade do mesmo ser, isto é *o que flui e da sucessão* que se opõe à propriedade do ente, que é hábito e permanência. Com isso Er-

furt define o verbo como sendo "uma parte da oração que significa por um modo de ser distante da substância" (p.95). O verbo possui sete acidentes, segundo Donato, citado por Erfurt, qualidade, conjugação, gênero, número, figura, tempo e pessoa. A qualidade do verbo é o modo e a forma. A forma é um acidente do verbo e equivale à espécie no nome. Ele se deriva da mesma propriedade, isto é, do modo de ser primário ou secundário. A forma é um modo de significar accidental do verbo, mediante o qual o verbo significa um modo de existir primário ou secundário. O gênero accidental do verbo é uma propriedade de dependência. Esta definição de gênero não é formal é material, pois o gênero não é formalmente significação porque não é um só modo o gênero é uma qualidade da significação.

Erfurt apresenta os seguintes modos de significar do verbo:

Verbo substantivo. Para Erfurt este verbo é o que significa por um modo de ser geral especificável por qualquer ser especial. É chamado substantivo não porque seja um modo se ser por si mesmo, isto é, tenha uma substância, como é o caso do substantivo, mas porque pode ser usado como um substantivo.

Verbo vocativo. É uma denominação em geral especificável por qualquer denominação própria em especial.

Verbo adjetivo. Este verbo significa ação ou paixão.

Verbo ativo, Este verbo se subdivide

em quatro modos essenciais e especiais: ação, paixão, neutro e composto dos dois primeiros. Enquanto significa ação constitui o verbo adjetivo ativo como amo.

Verbo passivo. Enquanto indica paixão constitui o verbo adjetivo passivo, como “sou amada”.

Verbo neutro. O verbo neutro é o que significa nem ação nem paixão como estou, vivo. Alguns neutros assim significam pela privação da transição, outros por privação da ação ou paixão. O verbo neutro é distinto dos outros pelo modo especial de significar.

Quanto ao modo de significar accidental do verbo, segundo Erfurt, o verbo tem certo modo de significar que se denomina “composição accidental” que é a propriedade inerente a outro por seu ser, isto é, o verbo consignifica a propriedade de inerência com relação ao ser e por seu intermédio o verbo se inclina ao sujeito. Como o verbo é a outra parte da oração ele se distancia do sujeito mas se inclina para o sujeito. É composição accidental porque, primariamente e por modo de ser, o verbo se inclina para ele mesmo o qual tem modo do ente. A composição está em relação à distância do verbo com o sujeito porque o verbo é ele mesmo e é em relação ao sujeito. Segundo Erfurt, O modo de distância está no verbo por propriedade da essência distinta, mas a composição pela propriedade de inerência a outro segundo seu ser.

Erfurt toma de Donato os sete modos de significar accidentais do verbo:

A qualidade, que se entende como modo e forma dos verbos. O modo do verbo é o modo de significar accidental mediante o qual consignifica a propriedade do verbo enquanto indício, promessa, dúvida. Segundo Pedro Helias, citado por Erfurt, o modo é a inclinação da alma pela qual se mostra seus diversos afetos. Erfurt apresenta cinco modos do verbo: Indicativo, imperativo, optativo, conjuntivo e infinitivo. O infinitivo é assim chamado porque é comum a todos os modos. A forma do verbo equivale à espécie no nome e se deriva da mesma propriedade. Logo, a forma é um modo de significar accidental do verbo, mediante o qual o verbo significa um modo de existir primário ou secundário. e se divide em forma perfeita (quero, leio), meditativa, freqüentativa, incoativa, diminutiva e desiderativa.

A conjugação é um modo de indicar o significado do verbo por suas inflexões segundo as propriedades diversas dos tempos, números, modos e pessoa. Na Gramática de Donato e Prisciano, segundo Erfurt, a significação accidental do verbo é colocada sob o **gênero** do verbo. Enquanto gênero, a significação se deriva da propriedade do verbo enquanto indica propriedade de dependência com relação a qualquer outro derivado que está depois de si. Isto é, “o gênero no verbo é um modo de significar accidental do verbo, mediante o qual se indica a propriedade de dependência no caso oblíquo, enquanto termo. Gênero é um significado accidental com terminação em “o” ou “or” dando a entender por “significado accidental” um modo de significar dependente com relação a

qualquer que no caso oblíquo. Segundo Erfurt, Pedro Helia se refere, no caso do gênero a terminação dos verbos em latim na primeira pessoa do presente do indicativo que é em "o" (ativo) como "amo" ou em "or" (passivo ou depoente) como "amor" (sou amado). Esta definição de gênero é material. O gênero não é formalmente significação. Ele é qualidade da significação. Assim o verbo tem a qualidade de ser ativo, passivo, neutro, comum e depoente. Se o motivo de significar a dependência indireta do verbo enquanto termo e estando esta dependência algumas vezes unida à ação como "amo te" (te amo) e outras vezes à paixão como "amor a te (sou amado por ti) outras vezes pela ação como a paixão "criminator" (culpo ou sou culpado) "amplectot" (abraço ou sou abraçado) outras vezes em forma neutra como "spiro" (suspiro), "vivo" (vivo), outras vezes com ação omitindo a paixão como "loquor" (falo), "irascor" (me indigno). Assim, algumas vezes os verbos são ativos outras vezes são passivos, mas convém ter em conta a terminação da voz. Assim o verbo ativo é aquele com a terminação em "o" que pode mudar para "r" como "amo". O gênero passivo tem a terminação em "r" e pode mudar para "o" como "amor" (sou amado). O gênero neutro tanto pode terminar em "o" como em "r" e significa ação ou paixão como "corro". O depoente tem a terminação em "r" mas não pode mudar para a terminação "o" como "luquor" (falo), "sequor" (sigo), "fruo" (gozo) e o comum é o que não pode mudar a terminação "r" em "o" e significa às vezes ação outras vezes paixão como "criminator" (acusado e sou acusado), "osculator" (beijo e sou beijado)

"interpretor" (interpreto e sou interpretado), "moror" (me detenho e sou detido), "veneror" (venero e sou venerado), "experior" (experimento e sou experimentado). Erfurt trata também da pessoa do número e da figura do verbo. Quanto ao tempo verbal Erfurt diz que ele segue o modo de ser da fluidez e sucessão, portanto, o tempo como acidente do verbo, é um modo de significar acidental do verbo, mediante o qual ele se enuncia, consigna o modo do tempo, isto é o tempo presente é o modo de significar o enunciado do verbo enquanto indica tempo presente e assim por diante.

Tomás de Erfurt é um filósofo-lógico pouco conhecido mas de grande importância devido à sua *Gramática especulativa*, considerada a primeira gramática geral feita no mundo, segundo Dom Filipe Robles Dégano, citado por Luis Farré (op. cit. p. 31). Tomás viveu em Erfurt antes de 1350. Era reitor e maestro em artes e dirigia uma escola de gramática e lógica.

A *Gramática especulativa* foi escrita na época da escolástica quando os nominalistas, discutindo o problema dos universais, reagiram contra a metafísica que negligenciava o sensível e o real. A *Gramática especulativa*, portanto, responde às tendências filosóficas da época, sendo uma das conquistas do nominalismo para a filosofia, a rejeição da idéia de que a filosofia era serva da teologia. Nessa *Gramática*, há influência de Aristóteles, Porfírio e Elio Donato. Aristóteles figura como sendo um gramático e lógico. Erfurt, baseando-se na obra de Aristóteles "Da Inter-

pretação”, conserva as definições clássicas sobre substância acidentais. Para Erfurt, segundo Luiz Farré, “a gramática é a arte que expressa uma aspiração dos objetos racionalmente. O substantivo, adjetivo, verbo, advérbio não são palavras mais ou menos adequadas para compreendermos: elas indicam uma determinada apreciação dos objetos. A linguagem é uma estrutura perfeita que organiza as categorias gramaticais para a compreensão entre os seres humanos. Por isso, toda gramática se reduz a modos de significar” (p.13).

O método usado por Tomás de Erfurt é o especulativo uma vez que ele está em busca dos primeiros princípios aos quais pertencem os “modos de significar”. Os resultados obtidos, na investigação dessa obra, levam a valorizar o estudo da gramática enquanto ciência, tanto a partir da adequação da linguagem com os fatos como da intelecção da linguagem concluindo que se trata de uma gramática com uma preocupação pragmática, sintática e semântica uma vez que, apesar de ela ser especulativa, valoriza o uso da linguagem, da lógica da linguagem e da metafísica.